

**Temas morfossintáticos em análises
variacionistas no Brasil (2000-2019)**

*Morphosyntactic themes focused
on variationist research in Brazil (2000-2019)*

Jania Martins Ramos

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Maria Eugenia Lammoglia Duarte

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este artigo traz um panorama das opções de tratamento dispensadas aos temas morfossintáticos no âmbito do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Com esse propósito, são apresentados quatro grupos, ilustrados com teses orientadas por membros do GT. Tais grupos incluem (i) trabalhos realizados sem um compromisso com outra corrente teórica além do modelo da Teoria da Variação e Mudança Linguística, utilizando grupos de fatores testados e resultados de outras pesquisas; mostram, em sua maioria, a sistematicidade do Português Brasileiro e fornecem alicerce para novos estudos sobre os temas analisados; (ii) trabalhos que partem da associação com correntes funcionalistas e formalistas, sendo orientados por hipóteses que permitam explicar os processos de variação e mudança; (iii) trabalhos que utilizam os resultados de temas já estudados para avaliar hipóteses de natureza psicológica ou social, como estilo, atitude, identidade; ou (iv) trabalhos que buscam utilizar esses resultados como argumento em favor de posicionamentos teóricos, seja para apontar limitações da teoria da variação diante de outros modelos, seja para mostrar que é possível uma articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e enunciativo-discursivo para pesquisa da variação/mudança linguística. Na conclusão são apresentadas tendências observadas e algumas reflexões, que visam a contribuir para a vitalidade dessa subárea da linguística.

Palavras-chave: Sociolinguística; Morfossintaxe; Perspectivas Recentes; Variação; Historiografia Linguística

Abstract: This article brings an overview of the options to treat morphosyntax themes carried out by the Sociolinguistic Working Group of ANPOLL. With this purpose, we present four groups of attested tendencies, illustrated with dissertations supervised by members of the working group. They include (i) works carried out without any interface with another theoretical approach besides the model of the Theory of Language Variation and Change, using factor groups tested in other works; most of them show



the systematicity attested in Brazilian Portuguese and provide solid foundations for new studies about the analyzed phenomena; (ii) works that associate the variationist paradigm to functionalist or formalist theories, which allow raising hypotheses that help explain the variation processes analyzed; (iii) works that use results of such studies to evaluate psychological and social hypotheses, such as style, attitude, identity; and (iv) works that use the results as argument either to discuss the limitations of the Theory of Language Variation and Change or to show that a theoretical-methodological articulation of the variationist, functionalist and discursive-enunciative perspectives in the research on language variation and change is possible. In the conclusion, we present some tendencies and reflections aiming to contribute to the vitality of this area of Linguistics.

Keywords: Sociolinguistics; Morphosyntax; Recent Perspectives; Variation; Historiography of Linguistics

1 Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar um balanço crítico dos estudos sociolinguísticos/geolinguísticos sobre temas em morfossintaxe no âmbito do Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). Serão indicadas as opções teórico-metodológicas no tratamento desses temas, serão traçados, na medida do possível, os respectivos cenários, serão apontadas algumas conquistas e tendências, tendo em vista as relações entre ciência linguística e sociedade no momento atual.

1.1 Dos temas morfossintáticos

Os trabalhos em que morfologia e sintaxe caminham juntos serão nosso objeto de análise neste artigo. Para identificá-los, realizamos dois levantamentos, sendo o primeiro em teses de doutorado recentes, orientadas por membros do GT, e o segundo nos Questionários do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Optamos por teses pelo fato de esses trabalhos oferecerem, por exigência, alguma contribuição original. As fontes consultadas foram a Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/>), o Catálogo de Dissertações e Teses, da Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>) e a Biblioteca Digital Brasileira de

Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (<https://bdt.d.ibict.br/vufind/>). Nos Questionários do ALiB (<https://alib.ufba.br/>), selecionamos as questões morfossintáticas com propósito de verificar quais os temas foram reconhecidos pelos geolinguistas como de especial interesse.

A consulta à Plataforma Lattes foi feita a partir do nome do orientador. Esse nome, por sua vez, foi extraído de uma lista exaustiva de membros efetivos e honorários, inscritos no GT de Sociolinguística (cf. MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2020). Somente as teses defendidas a partir de 2000 foram incluídas em nosso levantamento, de modo a obtermos um retrato da pesquisa recente. Identificamos 159 títulos (68 orientadas por membros honorários e 91 orientadas por membros efetivos). Com base nos títulos das teses, palavras-chave, resumos e, quando necessário, sua íntegra, foi elaborada uma lista dos temas visitados, restringindo-nos aos casos em que a variável dependente é de natureza morfossintática. A essa lista acrescentamos informações sobre o tratamento teórico dispensado ao tema, o que permitiu agrupar as teses em quatro grupos. No primeiro, estão os trabalhos que visam a demonstrar a sistematicidade das variantes, detalhando-se suas condições de uso. No segundo, os trabalhos que explicitam sua opção teórica, quer funcionalista quer formalista. No terceiro subgrupo, situam-se os trabalhos que usam os resultados da análise variacionista como diagnóstico para avaliar hipóteses que não são de natureza morfossintática, e, sim, de outras naturezas: psicológica, social (estilo, atitude, identidade), ensino, definição de isoglossas ou grau de contato etc. O quarto grupo inclui trabalhos que visam a discussões epistemológicas nas quais os resultados quantitativos servem como evidência nas argumentações.

Antes de passar à enumeração dos temas morfossintáticos visitados nas teses, ponto central desse artigo, detalharemos e exemplificaremos cada um dos grupos mencionados.

2 Do tratamento dos temas morfossintáticos

A discussão dos temas morfossintáticos pode ocupar posição central ou posição periférica nas teses. No primeiro grupo são reunidas as teses que enumeram um conjunto de fatores condicionadores (formais, funcionais, sociais etc.), sem explicitar os critérios adotados para tal seleção. Geralmente mencionam terem selecionado fatores já testados em estudos

precedentes. Indicam com clareza os procedimentos, o local de coleta de dados e os passos da análise (perfil dos informantes, situação de coleta, justificativa da escolha daquela amostra e resultados quantitativos). As hipóteses são prognósticos sobre a força dos fatores em relação às variantes em análise. As conclusões são sínteses dos resultados numéricos das tabelas aos quais, por vezes, se somam comparações com os resultados de outros trabalhos sobre o mesmo tema. A relevância desse conjunto de trabalhos é identificar fenômenos em variação e mostrar sistematicidades do Português Brasileiro a partir da pesquisa de comunidades de fala. Seus resultados funcionam como alicerce para novas investigações. Por sempre informar sobre idade do informante e a datação da amostra, contribuem para o estudo de mudanças linguísticas em tempo aparente e/ou tempo real.

A tese de Dirce Welchen (2009), *Pelotas/RS e A concordância verbal de 3ª pessoa do plural*, não associa a teoria da variação a uma linha teórica específica. A autora utiliza variáveis linguísticas testadas em inúmeras análises variacionistas sobre o fenômeno da concordância, mas, ao contrário de muitos estudos que abordam o tema, Welchen faz uma ampla revisão a partir dos trabalhos pioneiros, como o de Lemle e Naro (1977)¹ e Naro e Scherre (1991), que estabeleceram as variáveis linguísticas que até hoje se mantêm como essenciais nos estudos sobre o tema. A autora mostra ainda as diferentes perspectivas em relação à direção da variação apontada por Lemle e Naro, que, segundo os autores, iria na direção da perda de marcas, até a visão de Guy (1981), para quem o português popular do Brasil estaria caminhando para a aquisição gradual de marcas, a partir justamente dos dados com marcas mais salientes para as menos salientes, as mais difíceis de perceber.

Segue uma detalhada descrição de resultados encontrados nas análises de amostras urbanas, rurais e rurbanas, quilombolas e bilíngues, algumas estratificadas socialmente e outras não. Seus resultados quantitativos mostram os fatores idade e gênero não são significativos (p. 138). A amostra utilizada para a análise da fala de Pelotas é resultado de um projeto liderado por Luís Amaral (UFPel), que constituiu um banco de dados, que compõem o VarX – Banco de Dados Sociolinguísticos - Variáveis por Classe Social, com 90 falantes, distribuídos rigorosamente com o mesmo número de entrevistados por

¹ Por limitação de espaço, todas as referências feitas pelos autores de teses que utilizamos para este artigo podem ser encontradas nas próprias teses.

gênero, classe social, nível de escolaridade e faixa etária. Inicialmente constituída para sua tese de doutorado defendida em 1993.

A análise permite concluir que a pesquisa é importante porque “não só fornece subsídios sobre a variedade linguística falada [em Pelotas], mas também por colaborar para a descrição do português urbano brasileiro” (p. 140).

No segundo subgrupo estão reunidas as teses que partem de uma hipótese de natureza gramatical. Os procedimentos são indicados com clareza, e suas conclusões, diferentemente, avaliam hipóteses construídas a partir de um modelo teórico, quer funcionalista quer formalista. Esses trabalhos visam a explicar fatos morfossintáticos, servindo-se de princípios ou generalizações construídos no interior do respectivo modelo teórico. Os resultados da análise variacionista, por terem sido guiados por hipóteses gramaticais, iluminam os temas investigados, levando à ampliação do nosso conhecimento sobre a morfossintaxe e o Português Brasileiro.

Um exemplo de tese que conjuga pressupostos da Sociolinguística Variacionista e pressupostos do funcionalismo clássico, norte-americano e europeu, é a de Márcia Lessa (2012) *Ordenação de circunstanciais temporais e locativos na escrita jornalística contemporânea*. Três hipóteses são formuladas: (i) os circunstanciais (isto é, sintagmas preposicionais) “de tempo se situam, preferencialmente, na margem esquerda da oração e os de lugar na margem direita; (ii) a forma marcada de ordenação é motivada muito mais por fatores de natureza discursiva do que por fatores de ordem sintática ou semântica (p.14)”; (iii) quando há coocorrências de circunstanciais de categorias semânticas distintas, o constituinte mais pesado será favorecido em detrimento da ordenação tempo/modo/lugar. É importante observar que as hipóteses visam a mensurar a atuação de princípios cognitivo-comunicativos sobre a amostra a ser analisada: o princípio da marcação (GIVÓN, 1984, 1995, 2001; CHAFE, 1984; CROFT, 1995; NARO; VOTRE, 1996; HASPELMATH, 2005), do peso do constituinte (HAWKINS, 2000; PAIVA, 2008) e da centralidade das categorias semânticas (QUIRK et al., 1985).

As variantes são os sintagmas preposicionais de tempo e de lugar, tratados separadamente, se à esquerda ou à direita da oração. Em seguida, tomou-se como variantes as diferentes ordens em que os circunstanciais de tempo, lugar e/ou modo ocorrem conjuntamente numa mesma oração. Uma questão importante em relação à ordem relativa dos circunstanciais é a extensão.

A seleção dos fatores, por sua vez, “é orientada pelo pressuposto de que as regularidades estruturais refletem as funções que as formas linguísticas realizam” (p. 15), e por isso, se situam em quatro níveis distintos: (i) sintático (a relação entre verbos e seus argumentos e tipo de sujeito da oração); (ii) semântico (a classe semântica do circunstancial (tempo e lugar)); e (iii) discursivo (a função na organização textual); e cognitivo (a extensão do constituinte circunstancial e o gênero discursivo).

Feita a análise variacionista, correlacionando a posição dos circunstanciais na oração (posição interior, margem esquerda ou margem direita), Lessa enumera suas conclusões, retomando os níveis (i-iv): No nível sintático mostrou-se significativo o fator tipo de sujeito da oração. Foram identificados os seguintes: sujeito preenchido anteposto; sujeito preenchido posposto; nulos desinenciais (isto é, aqueles cujos verbos estão flexionados na 1ª. e 2ª. pessoas, e os indeterminados (isto é, verbos na 3ª. pessoa plural ou contendo o pronome “se”) e os nulos não desinenciais (3ª. p. do singular) (p. 72-73). Os sujeitos nulos desfavorecem a realização dos circunstanciais na margem esquerda devido, parece, à “tendência a manter a continuidade referencial, não interpondo elementos entre um sujeito anafórico e o seu antecedente”. Desse modo, contribuiria “para garantir a recuperabilidade do referente do sujeito. Tais resultados “contradizem uma hipótese mais geral de evitar o verbo em posição inicial” (p. 127). Essa tendência é mais acentuada com os temporais do que com os locativos, e quando o verbo está flexionado na terceira pessoa do singular. Já em orações com sujeitos realizados e pospostos, a “hipótese mais geral se confirma” (p. 127). “Essas diferenças indicam que a posição do sujeito parece ser mais relevante do que a variação entre preenchimento ou não preenchimento da posição de sujeito” (p. 127).

Um exemplo de trabalho que busca conjugar a Teoria da Variação e teorias formalistas é a tese de Marco Antônio Martins (2009), *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*, publicada em 2012. O diálogo com modelo de Competição de Gramáticas, desenvolvido por Kroch (2001, entre outros) é assim justificado pelo autor:

A compreensão da mudança sintática via competição de gramáticas, no sentido de Kroch e colaboradores, tem se mostrado um campo fértil para o estudo da origem – no quadro teórico da gramática gerativa – e da propagação – no quadro teórico da sociolinguística variacionista. Abre-se nesse sentido um campo fértil de trabalho em busca de respostas aos problemas empíricos de encaixamento e propagação da mudança sintática (MARTINS, 2012, p. 25).

O autor utiliza duas amostras de construções finitas com verbos simples e com estruturas verbais complexas extraídas de peças brasileiras e portuguesas, tendo como suporte adicional a periodização do português proposta por Galves (2007) e inúmeros outros estudos realizados por ela e outros colaboradores, a partir de *corpus* diacrônico *Tycho-Brahe* (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>). A comparação desse autor se concentrou, especialmente, nos dados em que foi atestada a variação Clítico-Verbo e Verbo-Clítico no Português Clássico, séculos XVI, XVII e XVIII, e sua ausência no Português Europeu Moderno, século XIX, com os dados do PB em diferentes contextos. O ponto que nos interessa destacar aqui são os contextos que apresentaram significativa alternância entre as ordens cl V e V cl. Entre esses contextos, Martins conclui que “construções com sujeito DP pré-verbal (DP cl V), e em construções com demais constituintes em posição pré-verbal (X cl V) lhe permitem concluir que “as próclises em contextos SV podem ser associadas aos padrões da gramática do Português Clássico” (p. 194). Isso significa que a próclise encontrada nos textos de brasileiros, nascidos no século XIX, é resquício de uma gramática conservadora do Português Clássico, perdida no Português Europeu Moderno, que passa a exibir a ênclise categórica em tais contextos, esta sim, uma inovação no Português Europeu.

O terceiro subconjunto de teses inclui as que usam os resultados da quantificação para avaliar hipóteses que não são de natureza gramatical, e sim de natureza psicológica ou social: estilo, atitude, identidade etc. Selecionam um tema sintático, geralmente já analisado em trabalhos anteriores, ao qual se soma mais alguma dimensão à sistematização inicial. Essa nova dimensão é etnográfica, discursiva, e estilística, ou outra. As conclusões dessas pesquisas enfatizam a atualidade em contraposição à(s) análise(s) inicial(is), e o tema morfossintático é utilizado como manifestação de outros processos.

Um exemplo é a tese de Mircia Salomão-Conchalo (2015), *A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social*. Ali é apresentada uma análise variacionista da concordância nominal e verbal de número, em duas comunidades de prática identificadas numa escola da cidade de São José do Rio Preto (SP), uma comunidade de prática ‘eclética’ e uma ‘funkeira’.

Sobre o papel da análise morfossintática, a autora esclarece que “o objetivo do estudo da variação [em um trabalho que visa à prática social] não é dar conta da estrutura

gramatical” (p. 32) [mas, sim, utilizá-la como] um recurso para a criação de significado social” (p. 42). A hipótese geral da tese é a de que “deve haver uma correlação entre centralidade e periféricidade grupal e expressão linguística de pluralidade” (p. 181), expressa quantitativamente.

Na etapa de análise, Salomão-Conchalo testa um conjunto de variáveis linguísticas já testado em uma pesquisa anterior (RÚBIO, 2008). Essa decisão é justificada pelo fato de o objeto da investigação ter sido a comunidade de fala da cidade de interesse da atual pesquisa e pelo fato de o tema analisado configurar uma variação estável. Sublinha que as “variáveis estáveis possuem significados claros, beirando o estereótipo (...), o que as torna mais disponíveis para a atribuição de significado social” (p. 277). As variáveis extralinguísticas selecionadas são gênero e idade, cuja escolha “não se prende apenas ao teste das hipóteses da análise quantitativa, mas também a uma análise qualitativa” (p. 174). A análise etnográfica exigiu a realização de questionários, entrevistas, interações no pátio e diários de campo, o que determinou a seleção dos fatores externos (gênero e idade) e permitiu fazer a seguinte predição:

é patente que os membros da C[omunidade de]P[rática] eclética usariam mais as marcas de pluralidade do que os membros da C[omunidade de]P[rática] funkeira e que esses apresentariam menos marcas de concordância nominal e verbal. (...) [Os ecléticos] preferem estar presentes nas aulas (...), procuram fazer curso de formação profissional como os técnicos oferecidos pela ETEC, SENAI, SENAC (...), [enquanto os funkeiros] não se interessam por atividades escolares e culturais (p.221), o trabalho é uma obrigação (p.207) e [se ressentem] da dedicação dos pais à [sua] educação (SALOMÃO-CONCHALO, 2015, p. 207-244).

Os resultados foram confirmados pela quantificação: os funkeiros apresentam percentuais mais baixos de marcas formais de plural do que os ecléticos. Tais percentuais são ainda inferiores aos encontrados por Rúbio (2008), o que serve de evidência de que as pesquisas de comunidades de prática são mais reveladoras que as pesquisas de comunidades de fala. Esses resultados recebem a seguinte interpretação:

a variação de número (...) passa por um processo de resignificação tanto para funkeiros quanto para ecléticos, visando a articular os valores e as atividades que organizam a identidade de grupo” (...). “No grupo de funkeiros, onde a variação de número não carrega um valor de estigma e prestígio entre os membros do grupo, (...) [o não uso de] marcas de plural evidencia um recurso estilístico na construção de suas identidades (SALOMÃO-CONCHALO, 2015, p. 241-244).

Salomão-Conchalo vê como uma importante contribuição de seu trabalho ter mostrado que o estilo, nos estudos variacionistas, deixa de ser “tratado como uma espécie de ajuste à (in)formalidade da situação, medido pelo grau de atenção à fala” para ser tratado como “o modo como os falantes conseguem combinar as variáveis, a fim de criar novas maneiras diferenciadas de fala, fato que fornece o recurso para a construção de identidade” (p. 277). A autora remete o leitor a Eckert (2000, 2005, 2012) e Eckert e Macconnell-Ginet (2010).

Outro exemplo de uso de um tema morfossintático como diagnóstico aparece na tese de Celeste Ribeiro (2018), *Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no Português de Oiapoque/AP*, na qual a concordância nominal é usada na investigação de contato linguístico. Na área investigada convivem “Oiapoqueenses, falantes apenas de PB como L1; franceses, falantes de francês L1 e PB L2 ou falantes de francês L1 e PB L1; indígenas, falantes de kheuól L1 e PB L2 ou falantes de kheuól L1 e PB L1” (p. 100). A autora parte da hipótese de que oiapoqueenses apresentariam um perfil de variação semelhante a outras partes do país, enquanto os falantes de português como L2 apresentariam padrões distintos. Outra hipótese visa a medir a força do grau de contato: quanto maior a interação do falante de português L2 com o falante de PB L1, mais aumentam as chances de serem percebidas e produzidas as formas dessa variedade; essa maior interação traduz-se no fator referente ao contato alto do falante L2 com o falante L1” (p. 121). Essa hipótese advém de um princípio segundo o qual “no falante, a percepção precede a produção linguística no processo de aquisição da linguagem e a produção vai realimentar a percepção” (SANKOFF, 2001).

Feita a análise, Ribeiro conclui, com base nos resultados quantitativos e qualitativos que: “a variedade do PB falada por oiapoqueenses, indígenas e franceses, em geral, não apresentam grandes particularidades na marcação de plural, refletindo padrões de uso, parcialmente equivalentes entre esses três grupos, no que se refere aos valores percentuais (p. 198). Há, entretanto, diferenças: [somente nos falantes de francês como L1, se observa], “a não marcação do item posposto a elementos quantificadores, como o numeral”, desfavorecendo as marcas, “apontando possível transferência de traços de L1 [o francês] para o português como L2.” (p. 199); outra é que “se vê o favorecimento de marcas de plural nos itens situados à direita do núcleo no SN” (p. 199), o que também

pode se dever à influência do francês, que só marca o primeiro elemento. A segunda hipótese referente ao grau de contato “não foi confirmada” (p. 200).

No quarto e último subgrupo situam-se as teses que citam resultados de análises variacionistas realizadas por outros autores, buscando utilizar esses resultados como argumento em favor de posicionamentos teóricos defendidos pelo autor. O objetivo geral desse conjunto de trabalhos é apontar limitações da teoria da variação diante de outros modelos que discutem a linguagem. Um exemplo é a tese de Marcela Bragança (2017), *A variação estilística na concordância nominal; concordância verbal; identidade; etnografia*. A autora analisa expressões de futuridade e argumenta a favor de que é possível uma articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança linguística. A autora resenha dezesseis trabalhos e aponta as seguintes lacunas: (i) a correlação entre formas e [as] subfunções no âmbito do domínio funcional de Tempo, Aspecto e Modo, (ii) o significado social da variação, (iii) a correspondência entre aspectos socioculturais e uso (iv) a relação entre tipo de registro sociolinguístico ou gênero (textual ou discursivo) e formas e funções agenciadas para a expressão de futuro e, ainda, (v) a correlação entre alternativa estilística e expressão de futuro (p. 138). A autora argumenta ser insuficiente a articulação entre a teoria da variação e a gramaticalização, na perspectiva funcionalista norte-americana ou francesa (p. 134) e que, para dar conta das lacunas apontadas, é necessária

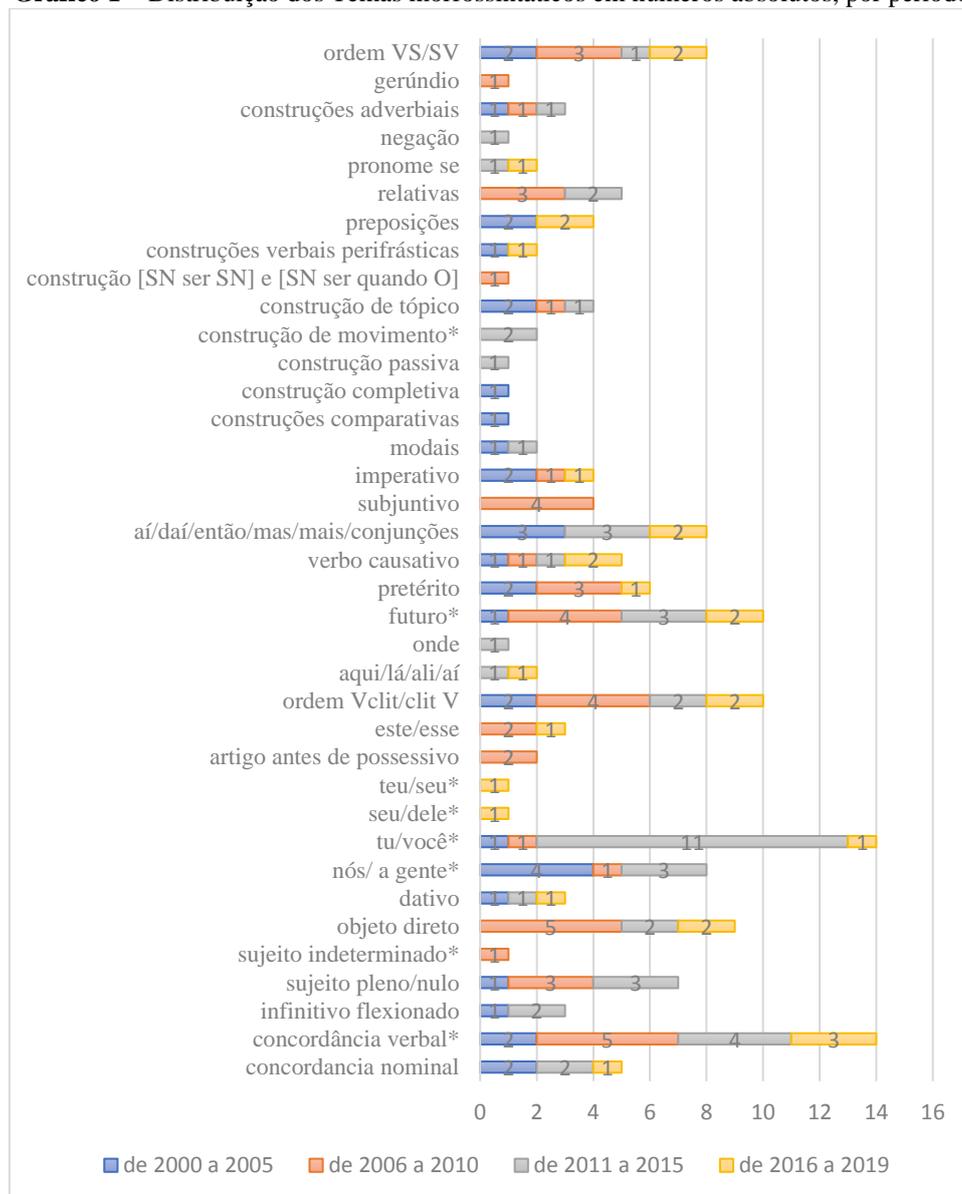
uma abordagem transdisciplinar do tema (...), tomando-se como base o pressuposto central de que os gêneros do discurso são a instância mais profícua para o estudo da língua em uso, cujo objeto de estudo é o estilo – para o qual fenômenos variáveis contribuem – e cujo *design* de pesquisa é multidimensional e multinível (do tipo *topdown*), denominados sociofuncionalismo enunciativo-discursivo”. [E sugere] (...), “no âmbito dos gêneros do discurso, tomar a expressão do futuro como um recurso constitutivo de estilo, a serviço da produção de sentido do gênero, evocando um significado social (específico). (BRAGANÇA, 2017, p. 657-660).

3 Os temas morfossintáticos visitados

Tendo sido exemplificados os diferentes usos de variações morfossintáticas em teses de doutorado recentes, passemos à lista dos temas propriamente ditos.

O Gráfico 1 apresenta os temas morfossintáticos acompanhados de outras três informações. No eixo vertical aparecem asteriscados aqueles contemplados no questionário do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)². No eixo horizontal aparece o número de teses sobre o respectivo tema, em quatro intervalos temporais de cinco anos de duração. Dentro de cada coluna aparece o número de teses defendidas no período, tendo como universo nossa amostra inicial.

Gráfico 1 - Distribuição dos Temas morfossintáticos em números absolutos, por período



Fonte: elaborado pelas autoras.

² Apenas um tema presente no Questionário não foi tema analisado nas teses retratadas no gráfico: as variantes (*menos; menas*).

4 Tendências

A busca transversal pelo tipo de tratamento dispensado aos temas sobre morfossintaxe na amostra de teses orientadas pelos membros do GT de Sociolinguística permitiu capturar algumas tendências. Essas, a nosso ver, constituem espaços potenciais de inovações e, por essa razão, serão enumeradas a seguir.

(i) definir não uma, mas duas ou mais variáveis dependentes. É esse o caso de teses que analisam concomitantemente, por exemplo, as estratégias de relativização e a concordância nominal e verbal (VAREJÃO 2006);

(ii) retomar uma variável e fazer um recorte, de modo a capturar seu comportamento mais detalhadamente. Esse procedimento metodológico é capaz de iluminar propriedades abstratas de categorias e revelar novos temas. Um exemplo é o tema da tese de Marins (2013), que observa o “encaixamento” da mudança na remarcação do valor do Parâmetro do Sujeito Nulo em sentenças com *ter* existencial e substituição a *haver*, discutindo o novo estatuto de *ter* como verbo funcional;

(iii) retomar um tema e retrabalhá-lo em uma nova amostra, organizada a partir de parâmetros distintos, de modo a capturar identidade de subgrupos, estilos individuais etc. Um exemplo é a concordância de número, inicialmente trabalhada numa comunidade de fala, e retrabalhada numa comunidade de prática, de modo a acrescentar à análise funcionalista inicial um tratamento etnográfico e sociológico (SALOMÃO-CONCHALO, 2015; CORRÊA, 2019). Essa última tendência tem sido identificada como pertencente à terceira onda;

(iv) demonstrar que fenômenos fonológicos são desencadeados por razões de natureza morfossintática. É o caso da investigação de queda de [I] cujos resultados permitiram identificar favorecimento nos pronomes, mas não em verbos e nomes, “e especialmente em pronomes retos” (OLIVEIRA, 2012). Esses resultados reforçam a hipótese de cliticização de pronomes pessoais em posições de sujeito e objeto no Português Brasileiro contemporâneo (VITRAL e RAMOS, 2006, cap. 5). Essa tendência pode também ser observada no tratamento conjunto de variáveis lexicais, morfológicas e sintáticas quando tratadas quantitativamente para diagnóstico de processos de gramaticalização, quer utilizando o enfoque funcionalista quer o recente enfoque formalista;

(v) realizar estudos sincrônicos e diacrônicos, o que tem levado a uma expressiva expansão de novas amostras de variedades urbanas e de cartas e peças de teatro produzidas nos séculos XIX, XX, e início de XXI no Brasil e em Portugal (cf., por exemplo, o trabalho de LUCENA, 2016, no âmbito da Sociolinguística Histórica, com base em cartas pessoais, e as análises em Duarte (2012) com base em peças de teatro, entre muitos outros). Assim, o estudo da mudança no tempo aparente, no tempo real de curta e de longa duração tem contribuído para uma melhor caracterização do português brasileiro por meio de análises contrastivas. Acrescentam-se amostras sincrônicas do português europeu e de variedades africanas do português, cuja análise tem despertado o interesse de novos pesquisadores sobre a relevância do contato com as populações africanas e seus descendentes na formação do português brasileiro, revitalizando um tema caro aos pesquisadores da década de 1940 (MELO, 2015). Acrescentam-se investigações de contato com línguas indígenas, um tema muito promissor (CALAZANS, 2018; RIBEIRO, 2018);

(vi) utilizar análises variacionistas de outras línguas românicas, comparadas ao Português Brasileiro (SOARES DA SILVA, 2011; MORAES, 2018), contribuindo para estudos em sintaxe comparativa;

(vii) contribuir, direta ou indiretamente para o ensino, como é o caso das teses de Coelho (2019) e Freire (2005), respectivamente. Enquanto a primeira aplica os resultados para um tema já bem estudado no PB – a representação do objeto direto anafórico – para observar seu uso e avaliação no processo ensino-aprendizagem, a tese de Freire faz uma minuciosa análise da recuperação, na escrita brasileira contemporânea, dos praticamente extintos clíticos acusativo e dativo no PB na fala espontânea, comparando seus resultados com uma amostra da escrita do PE. A recuperação, apenas parcial, no PB escrito, que o letrado não leva para sua fala, é um material precioso para uma descrição da escrita brasileira contemporânea mais padronizada.

5 Reflexões e considerações finais

Nesta seção gostaríamos de fazer algumas considerações em decorrência da presente retrospectiva. Uma delas é ter-nos ressentido da não disponibilização no *site* do GT de

Sociolinguística de todos os relatórios dos ex-coordenadores, das programações de todos os eventos anteriores e das respectivas cópias dos textos discutidos nas mesas-redondas.

No que diz respeito à sistematização dos numerosos resultados já obtidos por análises variacionistas no Brasil, é exemplar o mapeamento executado por Scherre, Dias, Andrade e Martins (2015), que agregou resultados de aproximadamente 40 trabalhos sobre os pronomes *tu* e variantes de *você*. Apesar das limitações apontadas pelas autoras (p. 134-135), os resultados foram significativos e novos mapeamentos desse tipo seriam bem vindos. Também no âmbito da morfossintaxe, um mapeamento da variação *nós* e *a gente*, realizado por Vianna e Lopes (2015) e da variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva, por Duarte e Ramos (2015) contemplando pesquisas realizadas em todo, nos permitem afirmar a importância dos trabalhos desenvolvidos pelo GT de Sociolinguística em morfossintaxe para que novos mapeamentos possam ser feitos.

Outras iniciativas que visem a permitir que se tornem comparáveis os inúmeros trabalhos já realizados e os *corpora* já organizados e disponibilizados digitalmente deveriam ser incentivadas pelo GT de Sociolinguística. Devemos reconhecer que essa diretriz tem orientado os colegas da Geolinguística, o que leva à maior visibilidade de sua produção científica. Acrescentem-se as amostras de fala gravadas entre 2009 e 2010, contemplando o Rio de Janeiro, Lisboa e Moçambique, do Projeto 21 – ALFAL – COMPARAPORT: Estudo comparativo de variedades africanas, brasileiras e europeias do Português, disponíveis em www.corporaport.letas.ufrj.br, que têm sido extremamente importantes para estudos contrastivos em fonologia e morfossintaxe.

Neste breve resumo das principais direções das teses orientadas pelos membros do GT de Sociolinguística sobre a morfossintaxe do português, pudemos verificar que esses trabalhos abarcam uma variedade de temas com base em *corpora* sincrônicos e diacrônicos. Alguns focalizam a explicitação de sistematicidades do português brasileiro, outros estabelecem diálogo com diferentes teorias gramaticais, o que tem contribuído para uma descrição acurada dessa variedade, além de comparar a variedade brasileira com outras variedades do português e, eventualmente, com outras línguas românicas. Há também trabalhos que focalizam o estilo, atitude e se preocupam com questões identitárias e ensino, e uns poucos que discutem questões epistemológicas.

Além de verificar as análises que as teses oferecem, pudemos depreender algumas tendências que, a nosso ver, indicam novos direcionamentos da pesquisa variacionista,

testemunhando a vitalidade dessa subárea da linguística. Finalmente, é preciso ressaltar a superação do debate entre funcionalistas e formalistas travado nos anos 1980-1990. Integrar o tema da gramaticalização à interpretação dos resultados quantitativos tem renovado os estudos de mudança. A sensibilidade dos pesquisadores a questões de natureza sociológica mostra sua integração às grandes modificações político-culturais do século XXI.

Contribuição

Jania Martins Ramos: Conceptualização, Curadoria de Dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia; **Maria Eugenia Lammoglia Duarte:** Conceptualização, Metodologia, Supervisão.

Referências

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista e dialógico para o tratamento da variação/mudança:** reflexões a partir da expressão do futuro do presente. 2017. 696 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.

CALAZANS, Poliana Claudiano. **A marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português de contato dos Guarani do Espírito Santo.** 2018. 148 f. Tese. (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

COELHO, Adriana Lopes Rodrigues. **A representação anafórica do objeto direto de 3ª pessoa:** uso e avaliação linguística subjetiva no processo de ensino-aprendizagem. 2019. 178 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2019.

SALOMÃO-CONCHALO, Mircia Hermenegildo. **A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social.** 2015. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015.

CORRÊA, Cristina Márcia Monteiro de Lima. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em comunidades rurais e urbanas do Estado do Rio de Janeiro: avaliação e produção.** 2019. 183 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) -

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2019.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992)** - Estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola Ed., 2012.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. RAMOS, Jânia, M. Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. *In*: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 173-198.

FREIRE, Gilson Costa. **As realizações do acusativo e dativo de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana**. 2005. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2005.

LESSA, Márcia da Silva Mariano. **Ordenação de circunstanciais temporais e locativos na escrita jornalística contemporânea**. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2012.

LUCENA, Rachel de Oliveira Pereira **Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica**. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2016.

MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos. Plano de trabalho (2018-2020). GT de Sociolinguística da ANPOLL. **Lista dos Membros**. 2020. Disponível em <http://anpoll.org.br/gt/sociolinguistica/wp-content/uploads/sites/38/2013/03/Sociolinguistica-Plano-de-Trabalho.pdf>. Acesso em 10 out 2020.

MARTINS, Marco Antonio. **Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20**. 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.

MARTINS, Marco Antonio. **A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do português**. Natal: EDUFRN, 2012.

MARINS, Juliana Esposito. **As repercussões da remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo: um estudo diacrônico das construções existenciais com *ter* e *haver* no PE e no PB**. 2013. 166 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2013.

MELO, Elaine. **Influência das línguas Bantu nas construções de tópico no PB**. 2015. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2015.

MORAES, Raquel Maria Campos Menezes de. **Dêiticos de Lugar e Esquemas Imagéticos no Galego, Português Europeu e no Português Brasileiro Contemporâneos**. 2018. 202. f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. **"Comendo o final das palavras"**: análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2012.

PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - As entrevistas das Amostras Censo 1980 e Censo 2000, disponíveis em peul.letras.ufrj.br, estão digitalizadas; áudio e transcrição estão alinhados através do software Exmaralda, o que possibilita maior agilidade no levantamento de dados, através do sistema de busca do referido pacote além de análise acústica dos dados já que áudio e transcrição podem ser exportados para o Praat.

RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha. **Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no Português de Oiapoque/AP**. 2018. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2018.

SCHERRE, Marta; DIAS, Edilene; ANDRADE, Carolina; MARTINS, Germano. Variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SOARES DA SILVA, Humberto. **Evidências da mudança paramétrica em dados da língua-E**: o sujeito pronominal no português e no espanhol. 2011. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2011.

VAREJÃO, Filomena de Oliveira Azevedo. **Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular**. 2006. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006.

BISOL, L.; MENON, O. P. S.; TASCA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 50-58.

VIANNA, Juliana S.; LOPES, Célia. Variação dos pronomes ‘nós’ e ‘a gente’. In: MARTINS, Marco Antonio, ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-132.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jania. **Gramaticalização**: uma abordagem formal. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

Recebido em: 10 de dezembro de 2020

Aceito em: 31 de maio de 2021

Publicado em setembro de 2021

Jania Martins Ramos
E-mail: janiamartinsramos@letras.ufmg.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6360-538X>

Maria Eugenia Lammoglia Duarte
E-mail: eugeniamaria@letras.ufrj.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8329-1226>
